

letra

o jornal do alfabetizador

MALA DIRETA
POSTAL
9912240297 DR MG
CEALE/UFMG



ISSN 1808-0650



Belo Horizonte, 2010 - Ano 6 EDIÇÃO ESPECIAL

Ceale 20 anos



Vinte anos do Ceale: vale o já feito, vale o que será

*O que foi feito, amigo
De tudo que a gente sonhou
O que foi feito da vida
O que foi feito do amor
Quisera encontrar
Aquele verso menino que escrevi
Há tantos anos atrás
Falo assim sem saudade
Falo assim por saber
Se muito vale o já feito
Mais vale o que será
Mais vale o que será
E o que foi feito é preciso conhecer
Para melhor prosseguir
Falo assim sem tristeza
Falo por acreditar
Que é cobrando o que fomos
Que nós iremos crescer
Outros outubros virão*

(*O que foi feito de vera* - Milton Nascimento / Fernando Brant)

Assim como nos versos da canção, este número do jornal *Letra A* vem celebrar o passado, um pouco do que vivemos nesses 20 anos, e projetar a esperança de outras manhãs plenas de sol e de luz do Ceale. Assim, as matérias deste **especial** mostram o que já foi feito até aqui para afirmar nosso compromisso de melhor prosseguir. Com esse objetivo, o jornal oferece ao leitor uma fotografia da história do Ceale, nas áreas da pesquisa, ação educacional, documentação e publicação. Como o leitor poderá ver, reunimos elementos que apontam o que vivemos e realizamos ao enfrentar desafios nessas diferentes áreas de atuação, sendo o maior deles o de articular a pesquisa à ação educacional. Ressalta-se, no contexto desta proposta articuladora, a participação ativa na definição e realização de políticas públicas de formação de professores, de avaliação de materiais didáticos e de livros de literatura, com a colaboração de pesquisadores de outras instituições.

Para reviver a trajetória deste centro de pesquisa, convidamos algumas pessoas que dela participaram diretamente, e como não poderia deixar de ser, começamos com uma entrevista especial com aquela que escreveu nosso

verso-menino, há vinte anos. Na entrevista com a professora Magda Becker Soares, o leitor poderá conhecer detalhes de uma história que começou com "um grupinho de meia dúzia de pessoas em uma sala da faculdade" e que foi se ampliando com a participação de mais gente que compartilhava do objetivo de conhecer as condições em que a alfabetização se desenvolvia nas escolas públicas brasileiras, para contribuir na formação de professores e para continuar realizando pesquisas sobre alfabetização e letramento.

Nas seções Em destaque e Troca de ideias, colegas que participaram das atividades realizadas no Ceale dão depoimentos que ajudam a compor essa história, representando, assim, muitas outras pessoas que também poderiam estar nestas páginas. Participantes do grupo que tiveram a oportunidade de serem diretores do Centro comentam sobre vários projetos e seus desafios, bem como sobre atividades que continuam sendo realizadas. Os entrevistados reafirmam a importância do trabalho em grupo e de como isso repercutiu positivamente na trajetória profissional de cada um deles. Em depoimentos emocionantes e divertidos, Sílvia Amélia, a primeira jornalista do *Letra A*, Giane, ex-aluna da graduação e pós-graduação da FaE, hoje professora da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, e Fernanda, professora de português, doutoranda da Faculdade de Letras da UFMG, que atua em nossa rede de formação, refletem sobre como a sua participação nos projetos do Ceale foi decisiva para a vida acadêmica e profissional. Esses depoimentos podem ser considerados representativos de várias outras vozes que gostaríamos de ter convidado para estar aqui.

O conjunto desses textos nos leva a pensar que a ampliação do Ceale e a sua continuidade deve-se ao envolvimento de cada um que, em algum momento nessas duas décadas, fez parte dessa história, e ao envolvimento e compromisso de todos com a articulação entre pesquisa, ensino e extensão.

É impossível citar todos os envolvidos na construção do Ceale no limite de espaço que este suporte impresso disponibiliza. Entretanto, entendemos que os poucos nomes que aqui aparecem representam muitos outros que fazem a vida deste centro de pesquisa.

O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou, perguntam os poetas. E nós respondemos: amigos é o que fomos fazendo ao longo desses muitos anos. E à amiga, mentora e fundadora do Ceale Magda Becker Soares um agradecimento especial de todos nós por nos fazer entender a importância de continuar envolvidos no sonho, com a certeza de que se muito vale o já feito, mais vale o que será.

Comemoramos com vocês, leitores do *Letra A*, esses vinte anos bem vividos!

expediente

Reitor da UFMG: Clélio Campolina Diniz | Vice-reitora da UFMG: Rocksane de Carvalho Norton | Pró-reitor de Extensão: João Antônio de Paula | Pró-reitora adjunta de Extensão: Maria das Dores Pimentel Nogueira
Diretora da FaE: Samira Zaidan | Vice-diretor da FaE: Antonio Júlio de Menezes Neto | Diretora do Ceale: Maria Lúcia Castanheira | Vice-diretora do Ceale: Sara Mourão Monteiro
Editoras Pedagógicas: Zélia Versiani e Isabel Frade | Editora de Jornalismo: Fernanda Santos (13409/MG) | Projeto Gráfico: Marco Severo | Diagramação: Aurelizia Lemos | Reportagem: Aline Diniz, Ana Flávia de Oliveira, Cecília Lana e Juliana Afonso.

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP 31 270 901 Belo Horizonte - MG Telefones (31) 3409 6211/ 3409 5334 Fax: (31) 3409 5335 - www.ceale.fae.ufmg.br



Como o Ceale contribuiu para sua trajetória?



Foto: Acervo pessoal

◆◆◆
FERNANDA BARROS - Professora formadora do Ceale

Dizem que a primeira vez a gente nunca esquece... O primeiro beijo, o primeiro amor. A gente também não esquece o primeiro PNLD, a primeira Olimpíada de Português, o primeiro curso de formação de professores. Devo admitir que muitas das minhas primeiras vezes aconteceram no Ceale: por isso, este texto virá cheio de exclamações!

Com o PNLD, aprendi que não bastava passar horas a fio debruçada sobre páginas e páginas de livros didáticos, mas que, para se fazer entender, a academia precisaria aprender a falar a língua da sala de aula. Por isso, inventamos uma nova resenha para o Guia do professor! Na Olimpíada de Português, lemos centenas de redações de alunos de todas as partes – revelaram-se aos nossos olhos mil "Brasis"! Ah!... E foram cartas, cartas e mais cartas... Para que tantas cartas? É que a nossa coordenadora, em um daqueles dias em que parece que você perdeu o juízo, achou que deveríamos escrever uma carta para cada professor que teve aluno inscrito no concurso, comentando cada poema, cada texto de opinião, cada narrativa de memória. Depois disso, não me lembro de ter escrito uma só carta...

Mas dentre todas as coisas do Ceale, nada desperta mais a minha paixão do que os cursos de formação de professores – por isso este parágrafo só para eles. Aprendi muito nos cursos que nos preparavam para sermos formadoras do Ceale – e as meninas (jeito carinhoso de tratar as professoras-cursistas) pensam que a gente nasce sabendo... Qual nada! No entanto, aprendi ainda mais com os professores de cada escola que tive a honra de visitar, professores que riam das minhas piadas, mas que se comportaram com a seriedade necessária quando eu lhes pedi que respondessem aos questionários e às entrevistas da minha pesquisa de doutorado – fico devendo essa a vocês, hein, pessoal?... Já foram mais de mil horas de cursos (estou até na coordenação), mas a sensação é de que a próxima será sempre a primeira vez!

Como o Ceale contribuiu para a minha trajetória? Sinceramente, sem o Ceale, não sei se haveria trajetória!

Avaliando a minha história, observo que conheço bem todo o caminho percorrido, mas poucas vezes parei para analisá-lo, como faço agora. O caminho não é linear. Em diversos momentos houve interrupções, truncamentos, novos cursos, mas isso dele faz parte. Não tenho a pretensão de, nesta pequena coluna, apresentar em minúcias a minha história (nem é função deste texto), mas apenas sinalizar alguns fatos que marcaram minha trajetória pelo Centro e que contribuíram para minha formação.

E a história começa em 2003...

Nesse ano, fui convidada para participar de um projeto do Ceale intitulado Pró-Leitura. O convite chegou em momento oportuno, pois havia terminado o curso de pedagogia, queria continuar meus estudos na área da linguagem e estava um pouco sem rumo. Sem titubear, o convite foi aceito. De lá pra cá, são sete anos ininterruptos de trabalho, passando pela secretaria do Centro (2005), assumindo a secretaria administrativa do PNLD (2005 a 2010) e, concomitantemente, trabalhando no Pró-Letramento (2005 até o momento).

A cada projeto, novos desafios, novos contatos, estabelecimento de relações com pessoas diversas e muitas, muitas oportunidades de aprendizado. Boas amizades foram sendo construídas nesses momentos também.

Ao longo desses sete anos, somam-se experiências, aprendizados, desafios e dúvidas. Dúvidas mesmo, daquelas de perder o sono e não saber o que fazer, de pedir socorro a alguém experiente, de assumir o erro e perguntar como fazer para consertar... Enfim, acertar e errar.

Dos inúmeros trabalhos realizados, surgiram participações em diversas atividades de extensão e pesquisa. Investi na minha formação acadêmica e tenho o desejo de continuar estudando.

De tudo que vivenciei até aqui, arrisco dizer, parafraseando Guimarães Rosa, que aprendi muitas coisas, não sei muitas (os números são a perder de vista, obviamente), mas desconfio de várias delas...



Foto: Acervo pessoal

◆◆◆
GIANE SILVA - Bolsista do Ceale

Foto: Acervo pessoal



◆◆◆
SILVIA AMÉLIA DE ARAÚJO - Jornalista e editora do Letra A de 2005 a 2008

Assim que me formei como jornalista, ajudei a criar este jornal, o *Letra A*. Neste trabalho delicioso, permaneci por três anos. Escrever para alfabetizadoras foi um desafio, já que eu nunca havia pisado em uma sala de aula sem ser como aluna. Como realmente acrescentar informações à prática profissional das nossas leitoras? Como não cometer a gafe de "ensinar o padre nosso ao vigário"? Bom, só escapamos desse perigo porque o *Letra A* não foi feito só por profissionais da comunicação.

O jornal nasceu no Ceale, cercado por grandes pensadores da alfabetização, por avaliadores e elaboradores de novas propostas de se ensinar a escrever e a gostar

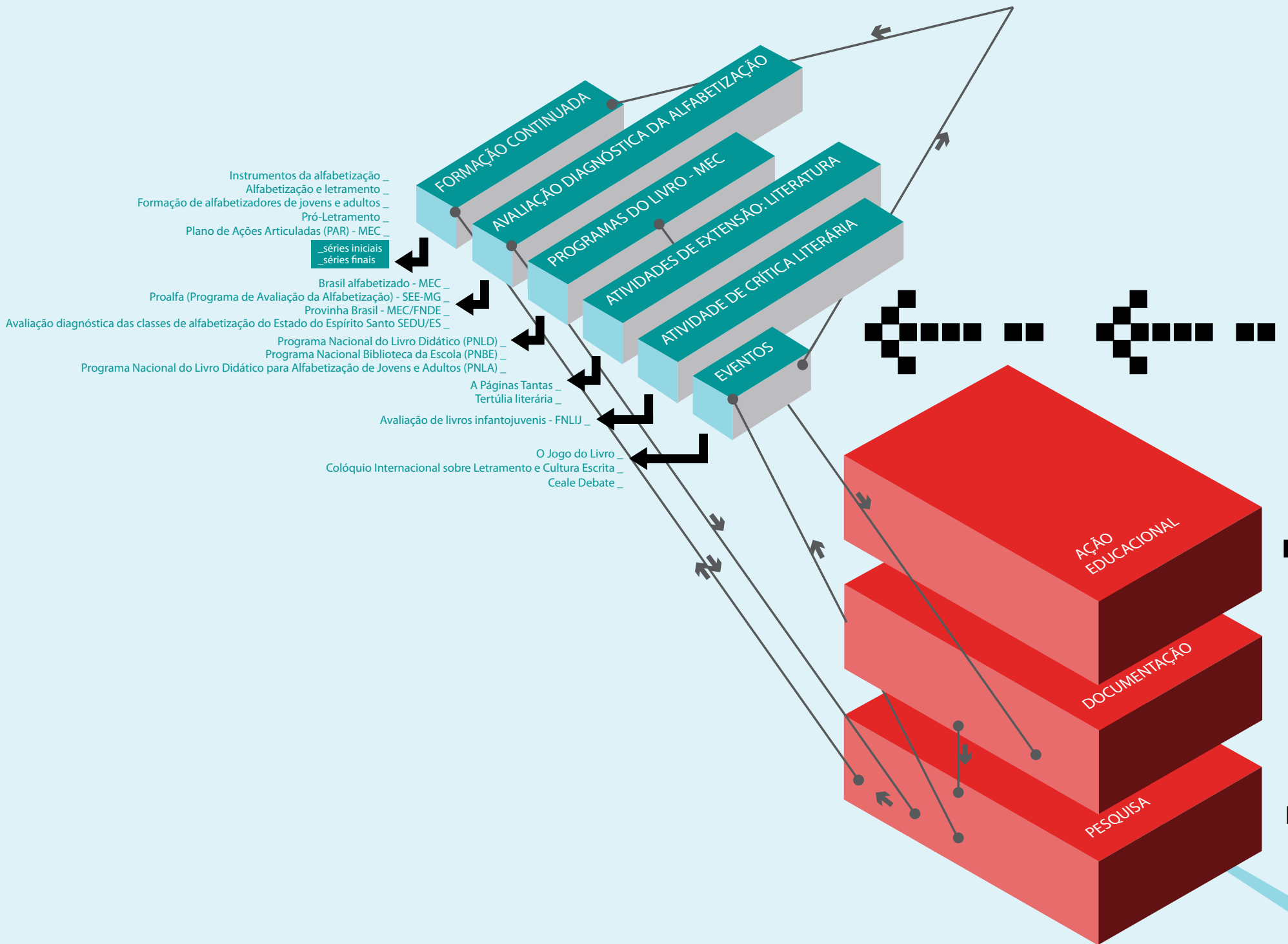
de ler. Com o apoio de Antônio Augusto Gomes Batista, o Dute, idealizador do *Letra A*, e dos demais pesquisadores, eu consegui fazer este jornal, junto com um ótimo designer e com uma equipe de estagiários fantásticos. O que nos coube como jornalistas foi ler textos acadêmicos e dialogar com estes pesquisadores do Ceale e outros de todo o Brasil, para depois trabalhar essas ideias em textos jornalísticos, ou seja, sintéticos, diretos. Nosso objetivo sempre foi, além de levar orientação, incentivar os professores a estudar, refletir e criar propostas de ensino por conta própria.

O *Letra A* me fez tão bem que é dele mesmo a culpa por eu ter deixado o Ceale. É que eu fui contaminada pelo amor ao magistério. Então corri

para a primeira sala de aula que me abriu as portas. Fui professora de jornalismo no curso de comunicação social da UFMG por quatro semestres. Como professora, voltei ao Ceale várias vezes, orientando projetos jornalísticos sobre educação e estímulo à leitura.

Tem muita gente que arregala os olhos quando me ouve dizer: "Nossa, a melhor coisa do mundo é ser professora, é maravilhoso!" Mas aqui neste espaço me sinto à vontade para dizer com toda a sinceridade que, para mim, ser professora – alfabetizadora, em especial – é a atividade mais fascinante que alguém pode exercer. Escrever este texto já me faz ter comichão de começar a preparar logo um planinho de aula...

Como se organiza o Centro?

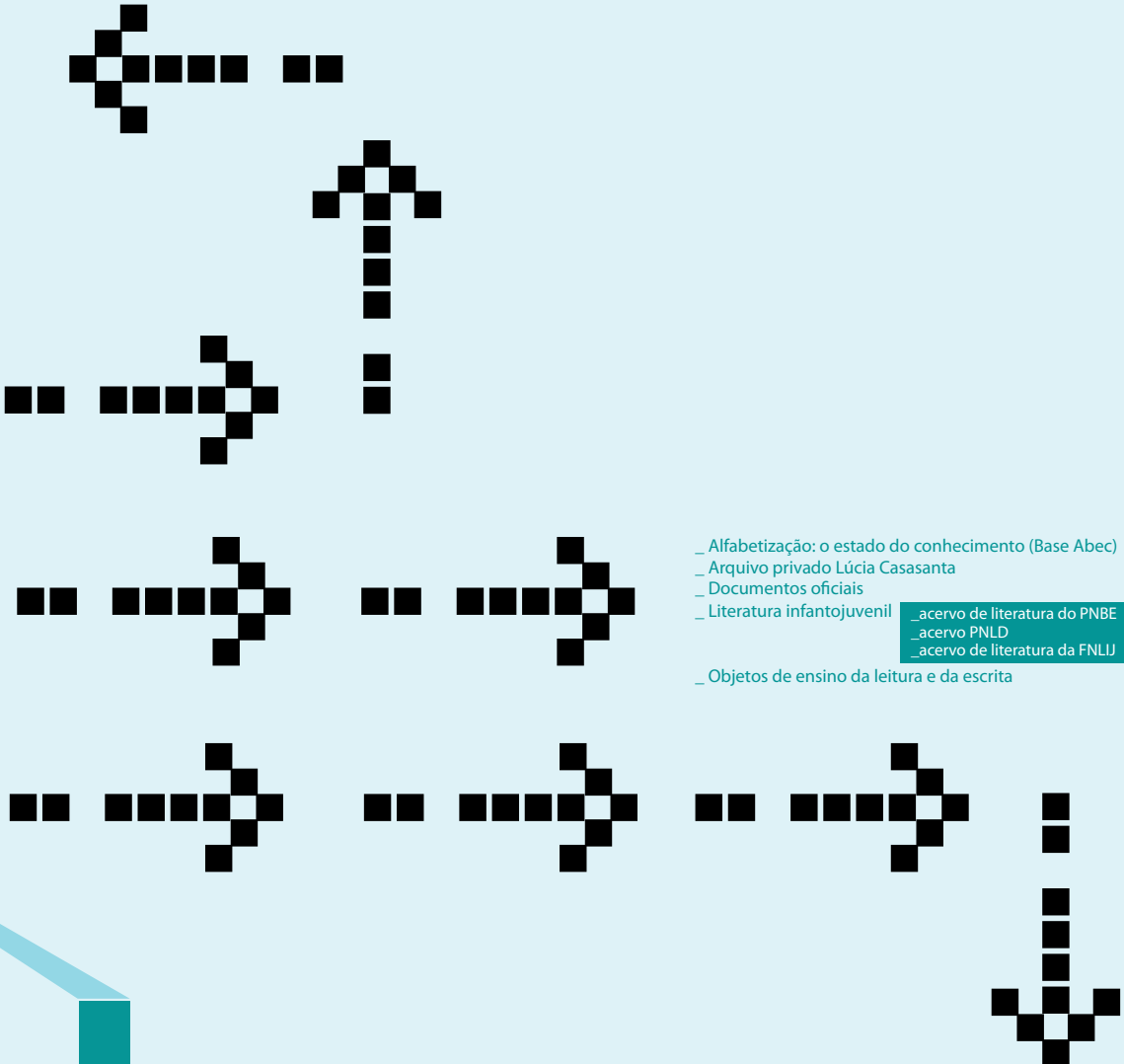


O Ceale desenvolve atividades que abarcam a administração pública, professores, especialistas do ensino superior e da educação básica, além de estudantes de graduação e pós-graduação. Junto às redes públicas, são realizados projetos de formação continuada de professores, de desenvolvimento curricular e de avaliação do ensino e de materiais didáticos.

Aliados a essas atividades, funcionando numa via de mão dupla, são desenvolvidos projetos institucionais e interinstitucionais de pesquisa sobre a alfabetização e o letramento no país. Os pesquisadores do Ceale

compõem o núcleo de pesquisa Educação e Linguagem do Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social (mestrado e doutorado) da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG.

Para subsidiar as atividades de ação educacional e pesquisa, o Ceale faz parte do Centro de Documentação e Memória da FaE, responsável pela aquisição, monitoramento e tratamento da produção científica nacional e internacional e de fontes (livros didáticos, fotografias, documentos oficiais, entre outros materiais) para o estudo histórico das práticas escolares de alfabetização.

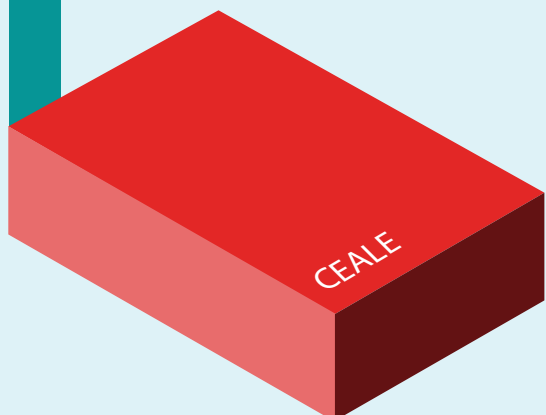


- _ Alfabetização: o estado do conhecimento (Base Abec)
- _ Arquivo privado Lúcia Casasanta
- _ Documentos oficiais
- _ Literatura infantojuvenil
- _ Objetos de ensino da leitura e da escrita

_ acervo de literatura do PNBE
 _ acervo PNLD
 _ acervo de literatura da FNLIJ

- _ Alfabetização: o estado do conhecimento
- _ A escolha do livro didático
- _ Cartilhas escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais
- _ Língua estrangeira
- _ Práticas discursivas
- _ Leitura na biblioteca escolar
- _ Produção literária para crianças e jovens no Brasil: perfil e desdobramentos textuais e para-textuais
- _ Teses e dissertações

_ linha Educação e Linguagem – Pós-graduação FaE



Duas décadas depois de sua criação, o Ceale comemora os frutos do trabalho em prol da formação de professores, avalia as atividades realizadas e planeja as próximas ações (CECÍLIA LANA)

Ceale: um pouco da sua história

No fim da década de 1980, "um grupo de meia dúzia de pesquisadores" se reunia regularmente, às sextas-feiras, numa salinha da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, para discutir os problemas da alfabetização no Brasil. Hoje, 20 anos depois da institucionalização do grupo como centro de pesquisa, o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, conhecido como Ceale, é uma das referências nacionais em estudos sobre alfabetização e letramento.

A história do Ceale tem início, quando o ensino brasileiro enfrentava problemas graves de altas taxas de evasão e repetência escolar. O estado precário em que se encontrava a educação no país era uma das maiores inquietações da então professora da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG, Magda Soares. Naquela época, a pesquisadora, que poucos anos depois fundaria o Ceale, trabalhava com formação de professores para as primeiras séries e, portanto, acompanhava de perto a dura realidade. "Eu via a dificuldade para trabalhar com o ensino da leitura e da escrita e, por isso, fui me preocupando cada vez mais com as séries iniciais e, particularmente, com a questão da alfabetização", conta.

Segundo Magda Soares, o primeiro e mais urgente passo para a investigação da situação da educação deveria ser o mapeamento das produções acadêmicas brasileiras referentes ao tema alfabetização. "O pressuposto era que, para entendermos melhor o fracasso em alfabetização que vinha se repetindo ao longo de décadas, era preciso conhecer o passado, o que ajudaria a compreender o problema", explica a pesquisadora. Sendo assim, em 1986, com financiamento do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), ela deu início à pesquisa *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*, cuja proposta era fazer um levantamento de todas as teses e dissertações sobre alfabetização e letramento que já haviam sido produzidas no país desde os anos 1950.

No início da década de 1990, as chamadas pesquisas de estado da arte na área de educação se tornaram frequentes. Eram estudos que, assim como o coordenado por Magda Soares, levantavam dados sobre o que já havia sido e o que ainda estava sendo produzido. Assim, a pesquisa sobre o estado do conhecimento desenvolvida na FaE passou a integrar um projeto do Inep (Instituto

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). O Instituto, que financiava diversas pesquisas de estado da arte, publicou, em 1990, o primeiro relatório da pesquisa sobre o estado do conhecimento. "Foi em torno desse projeto de pesquisa que o Ceale começou a se organizar", diz a pesquisadora Maria Lúcia Castanheira, membro do Centro desde sua fundação e atual diretora.

Para atender à demanda do Inep, Magda Soares convocou alguns professores da FaE/UFMG, alunos da pós-graduação e até mesmo bolsistas de iniciação científica, todos interessados na área da alfabetização, e apresentou-lhes a proposta do projeto. Era o começo de uma história de trabalho, amizade e ideais compartilhados que persistiriam por mais de 20 anos. A pesquisadora Francisca Maciel, que já ocupou o cargo de diretora do Centro de 2007 a 2010 e desde 1987 esteve vinculada à pesquisa sobre o estado do conhecimento como bolsista de aperfeiçoamento, relata que, "nesse período, a professora Magda já tinha o desejo de formar um grupo de estudos que reunisse professores interessados na área da alfabetização". E, assim, formou-se o Núcleo de Alfabetização, Leitura e Escrita, embrião do que depois se tornaria o Ceale.

O impulso que faltava

O envolvimento de pesquisadores de outras áreas do conhecimento nas atividades do Ceale sempre foi estimulado. Já se sabia que os problemas na alfabetização envolviam outros aspectos além dos didáticos e metodológicos e, por isso, o Núcleo contava com a participação de pesquisadores de diferentes áreas, como psicologia e letras. Professores alfabetizadores da Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG, do sistema estadual, municipal e da rede particular de ensino também tomavam parte nas reuniões, contribuindo com dados que ajudavam na compreensão da realidade da sala de aula.

Tudo conspirava a favor do Ceale: o ano de 1990 foi nomeado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como o Ano Internacional da Alfabetização. Com isso, o tema ganhou importância no mundo acadêmico e o Estado passou a estimular e financiar iniciativas de grupos que se dedicassem a questões ligadas ao tema.

Em outubro de 1990, o Núcleo transforma-se em centro, órgão reconhecido e autônomo dentro da estrutura da Universidade. A professora Glauro Vasques de Miranda, diretora da Faculdade de Educação entre 1986 e 1990, foi uma personagem central para a institucionalização do Ceale. Ela lembra que as atividades de pesquisa do Núcleo cresciam rapidamente: "A sala foi ficando apertada, não cabia mais material". Foi quando ela soube da abertura de um edital, pela FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), que destinava verba à promoção de questões relativas à alfabetização. "Eu sabia que tínhamos uma experiência única dentro da Faculdade: um grupo de mestrandos extremamente capazes e interessados em alfabetização, sendo formados pela Magda. Se a verba saísse, poderíamos providenciar a infraestrutura para o funcionamento de um centro de pesquisa que faria muito bem ao país. Conversei com o reitor e nós fomos a Brasília fazer a proposta", conta. O financiamento foi concedido, o Ceale passou a ser considerado oficialmente um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG e, em 1994, já funcionava nas novas instalações.

Trabalho e reconhecimento

Ao longo dos seus 20 anos de existência, o Ceale constituiu um lugar próprio na reflexão sobre linguagem no contexto da pesquisa educacional, sendo responsável por uma das linhas de pesquisa da Pós-graduação da FaE/UFMG. O caminho que percorreu até se tornar o que é hoje foi longo, com uma história de muito trabalho e conquistas.

O início da participação do Ceale nas avaliações de obras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a convite do MEC, foi um dos momentos mais importantes na trajetória do Centro. O Programa existe desde 1985 e tem como objetivo a distribuição gratuita de livros didáticos a todas as escolas públicas brasileiras do ensino fundamental. Entretanto, inicialmente, as coleções indicadas não passavam por um processo de avaliação pedagógica e, por isso, apresentavam diferentes tipos de problemas. Na década de 1990, o MEC instituiu a avaliação dos livros didáticos e convidou a equipe do Ceale para coordenar o processo. Desde então, o grupo, em parceria com diversos pesquisadores e professores de outras universidades brasileiras, vem atuando nas avaliações dos livros que se inscrevem no PNLD. A partir de 2002, o Centro passou também a avaliar dicionários.

Um dos aspectos mais importantes do PNLD é o fato de as equipes serem compostas por pesquisadores de vários estados do país e, portanto, contribuírem com diferentes posturas pedagógicas para a avaliação. O Ceale já desenvolveu trabalhos com equipes sediadas em Belo Horizonte, Bahia, Pernambuco e São Paulo. Segundo Francisca Maciel, o Centro sempre procurou expandir a atuação e a inclusão de novos pesquisadores da área de alfabetização. "Em momento algum centralizamos as atividades aqui na Faculdade de Educação ou na UFMG", afirma.

As fichas de avaliação, elaboradas pela equipe de representatividade nacional sob a coordenação do Ceale, levam em conta critérios como a adequação conceitual, metodológica, ética e democrática do material. A ex-diretora e atual coordenadora das ações do Ceale junto

ao PNLD Ceris Ribas avalia positivamente os resultados do trabalho: "Hoje podemos afirmar, com segurança, que a qualidade dos livros didáticos ofertados às escolas no Brasil é significativamente melhor do que era há alguns anos, tanto do ponto de vista da proposta teórico-metodológica como do projeto gráfico-editorial".

Em 2006, o Ceale assume também a avaliação de livros literários para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). E, em 2009, passa a coordenar as avaliações do Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA).

No que diz respeito a ações educativas de formação de professores, os trabalhos do Ceale se intensificaram após o ano de 2004, quando o MEC criou a Rede Nacional de Formação Continuada dos Professores da Educação Básica, composta por universidades que abrigam centros de pesquisa e desenvolvimento da educação. O Ceale credenciou-se à Rede na área de Educação e Linguagem e, a partir de então, pôde ampliar bastante suas atividades de ação educacional. Foi nessa época que surgiram muitas das publicações do Centro, como este jornal, a revista eletrônica *Língua Escrita*, o *Portal Educativo Ceale* e as coleções *Alfabetização e Letramento* e *Instrumentos da Alfabetização*.

As atividades ao longo de duas décadas fizeram o Ceale acumular materiais suficientes para formar o Setor de Documentação e Memória que integra o Centro de Documentação e Memória (Cedoc) da FaE/UFMG. O acervo reúne: cartilhas que não circulam desde o final do século XIX, livros didáticos, coleção de teses e dissertações, fotografias, cartazes de leitura que acompanhavam lições de livros de alfabetização, provas, carteiras, documentos escolares oficiais, cadernos de alunos e professores que datam de até 1901 e obras raras de literatura infantojuvenil. Soma-se a isso o acervo Lúcia Casasanta, que foi doado ao Ceale pela família da professora. Todo esse material encontra-se disponível para consulta no Cedoc, que fica na biblioteca da FaE/UFMG.

Muitos galhos e a mesma raiz

Muitos centros de pesquisa, no Brasil, que funcionam nos moldes do Ceale, têm vida curta. Então, como o Ceale conseguiu se manter por tanto tempo?

Francisca Maciel acredita que o caráter contínuo das produções do Ceale deve-se ao fato de o Centro, apesar de ter crescido muito, não ter se desviado dos ideais que o moviam desde o início: o compromisso com a escola pública, com a socialização da produção do conhecimento, com a formação do professor alfabetizador e com as ações da extensão. "Se fosse para eu fazer um desenho que representasse o Ceale, seria uma árvore que cresceu bastante, com muitos galhos e ramificações, mas com um tronco grosso, bem sedimentado, e a mesma raiz."

A socialização do conhecimento acadêmico também é um ponto destacado por Maria Lúcia Castanheira: "A permanência da vocação de pesquisa, aliada à articulação entre a atividade acadêmica e a prática do ensino nas escolas, favoreceu trocas contínuas entre pesquisadores e professores". O compromisso maior do grupo é com a melhoria da alfabetização e, para isso, além de produzir conhecimento, seus membros se preocupam em socializar os frutos das pesquisas, seja por meio de cursos e debates, ou de publicações voltadas para professores (**leia mais na página 9**).

Um dos primeiros espaços de formação propostos pelo Ceale foi o Ceale Debate, ciclo anual de conferências para professores e estudantes envolvidos com o ensino da leitura e da escrita. Criado em 1994, o evento é realizado até hoje. Uma vez por mês, a Faculdade de Educação recebe um professor convidado, que expõe os resultados de suas pesquisas e propõe discussões.

O Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (Gpell), subgrupo do Ceale, promove, desde 1995, outro evento importante para a socialização de conhecimento: O Jogo do Livro. De dois em dois anos, pesquisadores, alunos e professores do ensino fundamental e médio reúnem-se para discutir

os significados do letramento na sociedade brasileira.

Também bianualmente, é realizado, desde 2007, O Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita, evento que reúne pesquisadores nacionais e internacionais para discutir questões contemporâneas relativas à cultura escrita, às concepções de alfabetização e de letramento e suas repercussões no campo do ensino e da pesquisa.

Ao contrário desses três eventos, que se mantiveram ao longo dos anos, outro projeto, o Perspectiva Ceale, se extinguiu. Maria Lúcia Castanheira fala com saudade da época em que o evento era realizado: "Enviávamos cópias de alguma dissertação para professores de três escolas públicas de Belo Horizonte. Eles liam aquele material, discutiam entre si e depois se reuniam conosco. Fazíamos uma mesa redonda aqui na Universidade, com a presença do autor da pesquisa e esses professores". Agora que assumiu novamente a direção do Centro, ela planeja reinstaurar o Perspectiva Ceale. "Se tem um projeto que eu gostaria de desenvolver novamente é esse, porque era uma ótima oportunidade de fazer circular o que a gente produzia aqui."

Além dos eventos destinados à socialização de conhecimento, o Ceale foi, pouco a pouco, encontrando formas de divulgar os resultados de suas pesquisas também por meio de publicações. Assim surgiram as coleções *Linguagem e Educação* e *Literatura e Educação* (**leia mais na página 9**).

Em 2005, o caráter das publicações se diversificou ainda mais, com o surgimento deste jornal, o *Letra A*, destinado a professores alfabetizadores e de língua portuguesa. O pesquisador Antônio Augusto Gomes Batista, idealizador do projeto, explica que era necessário apostar numa publicação desse tipo porque o Ceale ainda não havia produzido

EM DESTAQUE

nada que falasse aos educadores numa linguagem menos acadêmica: "Uma coisa é escrever sobre pesquisa para outros pesquisadores e outra coisa é escrever sobre pesquisa para professores". Meses depois da criação do jornal, foi colocado no ar o *Portal Educativo Ceale*, que, ao disponibilizar, via internet, informações úteis a professores e alunos da graduação, passou a funcionar como instrumento de formação de apoio. Ainda nesse ano, surgiu a revista eletrônica *Língua Escrita*, uma publicação quadrimestral de caráter mais acadêmico. "A ideia era ter o jornal para fornecer uma formação mais inicial; o *site*, para abrigar uma grande base de dados para os professores; e a revista, para estudos acadêmicos", explica o pesquisador.

Engajamento

Além de todo o esforço de fazer circular os conhecimentos produzidos na universidade, outro aspecto que, certamente, fortaleceu o Ceale foi seu envolvimento constante na formulação, execução e discussão de políticas públicas. O Centro foi criado num momento político interessante: o país havia herdado uma escola da ditadura e a educação precisava passar por uma reconfiguração. O governo Fernando Henrique investia pesadamente na educação básica e desenvolvia estratégias de avaliação de livros didáticos e de definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O Ceale se articulou, nesse momento, a várias políticas públicas ligadas, principalmente, à formação de professores e à avaliação de livros didáticos. Na opinião de Antônio Augusto Gomes Batista, "o que diferencia o Ceale de outros grupos é que nós nunca tivemos medo. Mesmo sabendo que o envolvimento em políticas públicas era muito criticado externamente, se acreditávamos em uma política, nos envolvíamos nela. E também estávamos sempre lutando para que as políticas em que apostávamos fossem mais adequadas".

Porém, nem sempre foi fácil para o Ceale apostar numa pesquisa iluminada pela prática. Segundo o pesquisador, a política nacional de incentivo à pesquisa tendia a afastar os professores universitários das políticas públicas de educação. Os critérios criados para avaliar a produção acadêmica dos pesquisadores não consideravam como "acadêmicos" muitos dos livros que o Ceale publicava, voltados para professores e, muitas vezes, escritos coletivamente. "A dificuldade de sobrevivência acadêmica foi um dos principais desafios que enfrentamos nos primeiros anos", relata Antônio Augusto Gomes Batista.

Daqui pra frente..

O momento atual é de transição. Francisca Maciel deixa o cargo de diretora, que volta a ser assumido por Maria Lúcia Castanheira. "Mas a gente nunca sai", afirma Francisca, que vai continuar envolvida nos projetos do Ceale. A pesquisadora acredita que os planos para os próximos anos devem incluir um momento de reflexão sobre a própria produção. Segundo ela, o grupo ainda precisa explorar melhor a quantidade enorme de dados que veio acumulando nos últimos anos. "Necessitamos de tempo porque esse acúmulo de conhecimento precisa ser lapidado com pesquisa, produção e socialização", afirma.

Essa também é a opinião de Maria Lúcia Castanheira, que, em sua nova gestão, deve colocar em prática o desejo compartilhado com a ex-diretora. "Assumir a direção agora é assumir num momento muito diferente do anterior, em termos de volume de atividades. Estamos precisando dar uma parada e fazer uma análise do que foi realizado nesses últimos anos, definir que direção o grupo quer tomar, fortalecer as condições de produção tanto para estudar, desenvolver pesquisa e publicar, quanto para continuar com os projetos de formação", diz.

E os planos da diretora para o futuro do Ceale não se limitam às questões internas do grupo. Ela também se preocupa em fortalecer a formação de professores na área de alfabetização e letramento no curso de graduação da FaE.

Para Magda Soares, que agora assiste ao amadurecimento do Centro que fundou, o maior desafio do Ceale nos próximos anos é não perder de vista a atividade de pesquisa, mesmo que as demandas de ação educacional continuem se expandindo.

FORMADOS PELO CEALE

"O Ceale nasceu em torno da figura da Magda e cresceu sempre acompanhando a movimentação dela." O depoimento de Antônio Augusto Gomes Batista, pesquisador e ex-diretor do Ceale, expressa o que parece ser um consenso entre todos os integrantes do Centro: a professora desempenhou um papel central tanto na criação quanto na transformação do Ceale em centro de pesquisa de referência.

Mas os frutos colhidos hoje são resultados de uma dedicação constante nos primeiros anos. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, as atividades de Magda Soares estiveram fortemente ligadas à formação de pesquisadores. Os números dão uma ideia da dimensão da atuação da professora: entre os anos de

1980 e 2000, das 62 teses e dissertações defendidas na Faculdade de Educação, 48 foram orientadas por ela. Todo esse esforço resultou na criação de um grupo de jovens pesquisadores extremamente qualificados e prontos para atuar.

A partir do início da década de 1990, esse conjunto de novos mestres e doutores, direta ou indiretamente formados por Magda Soares, foi entrando para o corpo docente da UFMG. É o caso dos pesquisadores Maria Lúcia Castanheira e Antônio Augusto Gomes Batista, que defenderam suas dissertações e, no mesmo ano, começaram a lecionar na Faculdade de Educação. "Eu e o professor Antônio Augusto assinamos a carteira de trabalho no mesmo dia, poucos meses antes da inauguração do Ceale",

conta Maria Lúcia Castanheira. Os novos mestres encontraram no Centro um lugar onde poderiam alicerçar sua trajetória acadêmica e concretizar seus ideais de universidade.

A influência que Magda Soares exerceu sobre seus orientandos fica evidente quando se leva em conta o fato de que a maioria deles nunca mais se desligou das atividades do Ceale. Alguns - Antônio Augusto Gomes Batista, Ceris Ribas, Maria Lúcia Castanheira e Francisca Maciel - chegaram a ocupar a direção do órgão em diferentes momentos. "A minha idade profissional na Universidade é a idade do Centro. Não dá para imaginar minha trajetória profissional sem o Ceale e sem a Magda", avalia Antônio Augusto Gomes Batista.

Socializar conhecimentos

Estudos realizados no Ceale dão origem a obras publicadas pelo Centro (ALINE DINIZ E ANA FLÁVIA DE OLIVEIRA)

Na área da educação, o conhecimento se desenvolve pela necessidade de compreender os fenômenos sociais e, a partir dessa compreensão, possibilitar a criação de alternativas e soluções que transformem, de fato, a vida das pessoas. É essa vontade de construir e socializar saberes que move pesquisadores, professores e estudantes ligados ao Ceale. Assim, para que os trabalhos do Centro não ficassem restritos à Universidade, foram desenvolvidas três coleções de livros.

A história dessas obras começou na década de 1990, quando a equipe do Centro sentiu a necessidade de expandir a circulação das produções que já se acumulavam, conforme afirma uma das pesquisadoras, naquela época, diretora do Ceale, Ceris Ribas: "Com todo o trabalho que o Ceale

vinha desenvolvendo e por ser considerado um centro de referência nos campos do letramento, da linguagem e da alfabetização, nós avaliamos que havia a necessidade de se ter um canal de comunicação com a sociedade, e pensamos que a melhor forma seria através de livros".

Assim surgiram as coleções: *Literatura e Educação*, *Linguagem e Educação e Alfabetização* e *Letramento em Sala de Aula*. Essas produções contam com a colaboração de pesquisadores de outras instituições como: a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal de Ouro Preto. Além disso, os livros trazem discussões que ultrapassam a temática da educação e entram em campos como: letras, história, ciências, dentre outros.

Literatura como arte

Composta por nove obras, a coleção *Literatura e Educação* tem como objetivo divulgar os textos apresentados nas conferências do Jogo do Livro, evento bianual promovido pelo Ceale desde 1995, além de publicar trabalhos relacionados aos usos e discussões que permeiam a literatura na área da educação.

Em média, é produzido um livro por ano e a formação de leitores literários é o tema que mais aparece nas obras da coleção. Isso porque esse assunto é dúvida constante dos professores que trabalham a literatura em sala de aula. A pesquisadora Graça Paulino, uma das organizadoras da coleção, afirma que "muitos docentes não exploram a literatura de maneira adequada, deixam de levar em consideração questões intrínsecas a esse campo como o lúdico, os elementos da narrativa, ou mesmo a interpretação dos textos literários".

Espalhando saberes

A coleção *Linguagem e Educação* possui dezessete títulos publicados. O tema mais abordado nessas obras está relacionado ao livro didático. Títulos como *Livros de alfabetização e de português: os professores e suas escolhas* e *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania* tratam de questões que permeiam a escolha e o uso desse material nas escolas públicas do Brasil.

De acordo com Ceris Ribas, a recorrência do assunto nas publicações se deve à continuidade do trabalho de avaliação dos livros didáticos de língua portuguesa e alfabetização para o ensino fundamental realizado durante todos esses anos, aliado a permanente reflexão teórica que a atividade favorece. Assim, a cada avaliação, há um acúmulo de dados, informações e reflexões sobre os perfis das obras utilizadas nas escolas do país, que se desdobra em um processo de produção de conhecimento que se compartilha sob a forma de artigos, dissertações, teses e também livros.

Outro tema recorrente nas obras da coleção é o letramento – pelo menos três livros abordam o assunto diretamente. As obras: *Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas* e *Letramento: um tema em três gêneros* são alguns exemplos.

O letramento também é tema de outra coleção: *Alfabetização e Letramento em Sala de Aula*. Composta por três livros, a coletânea tem como objetivo auxiliar o professor em sua prática diária. Segundo a pesquisadora do Ceale, Francisca Maciel, "a ideia dessa publicação surgiu em 2008, e os temas são escolhidos a partir das dificuldades que os educadores relatam durante os cursos de formação continuada oferecidos pelo Ceale". As questões tratadas aqui no *Letra A* também servem de inspiração para os textos dessa coleção.



Suporte para formação

Além dessas obras, o Ceale possui duas coleções desenvolvidas para dar sustentação aos cursos de formação oferecidos pelo Centro. O material foi elaborado a partir de 2004, quando o Ceale passou a ter uma atuação mais efetiva em vários Estados brasileiros a partir da criação da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores pelo Ministério da Educação.

A coleção *Instrumentos da Alfabetização* é composta por oito cadernos e tem foco nos três primeiros anos do ensino fundamental de nove anos. Já a coletânea *Alfabetização e Letramento* é composta por 18 cadernos, que podem ser organizados em diferentes módulos. O material articula a formação teórica do professor com a prática em sala de aula, propondo e discutindo atividades e exercícios. "Nós temos, infelizmente, alunos que não dominam as habilidades da leitura e da escrita e que estão nas séries finais. E os professores às vezes não sabem como trabalhar com isso e precisam de uma formação. Essas coleções atendem a esses professores", explica Francisca Maciel.

Segundo uma das coordenadoras dos cursos de formação do Centro, Isabel Cristina Frade, as coleções são um ponto positivo dos cursos Instrumentos da Alfabetização e Alfabetização e Letramento. "É um material específico, pensado por professores, e não uma montagem de fragmentos de outros materiais. É um conjunto que tem uma organicidade, uma unidade", diz. Ainda assim, a pesquisadora Francisca Maciel reconhece que este tipo de material requer atualização constante: "As coleções foram produzidas e hoje nós temos mais conhecimento da prática. Eu acredito que isso pode ser aprimorado. Às vezes ainda existe um hiato muito grande entre o que nós produzimos e o que de fato acontece nas salas de aula".

Para conhecer melhor as coleções do Ceale, acesse o Portal Educativo Ceale: www.ceale.fae.ufmg.br



A pesquisa como carro-chefe

20 anos de muitas realizações. É assim que a professora emérita da Faculdade de Educação da UFMG e fundadora do Ceale, Magda Soares, define a trajetória do Centro de 1990 a 2010. Ela lembra, com aquela nostalgia gostosa, dos tempos em que o Ceale ainda era "um grupinho de meia dúzia de pessoas em uma sala da faculdade", com o objetivo de pesquisar a situação da alfabetização no Brasil. A partir desse projeto, o Ceale foi caminhando, um passo de cada vez, até se tornar o centro de pesquisa reconhecido que é hoje. A formação de professores e a avaliação dos livros que são utilizados nas classes de alfabetização e compõem as bibliotecas das escolas públicas brasileiras são focos do Centro, mas a pesquisa ainda é a base de todos os trabalhos. Na entrevista a seguir, Magda Soares conta um pouco da história desses 20 anos de Ceale e fala dos desafios que vê para o futuro. Feliz com o trabalho desempenhado até aqui, ela considera que o Centro contribui para a melhoria da educação no país e precisa manter seu foco para que continue "na curva ascendente". (JULIANA AFONSO)

O fracasso da alfabetização no Brasil e a conciliação da prática com a academia eram preocupações suas enquanto profissional. Foi pensando nisso que você criou o Ceale?

Foi fundamentalmente isso. Eu trabalhava com formação de professores para as primeiras séries e via a dificuldade que eles tinham para ensinar leitura e escrita. Fui me preocupando cada vez mais com as séries iniciais, particularmente com a questão da alfabetização. O primeiro passo para o Ceale foi um projeto de pesquisa que eu montei para levantar o estado do conhecimento sobre alfabetização no país. O problema que se configurou foi saber o que o mundo acadêmico estava produzindo para colaborar com a alfabetização, que, naquela época, era um problema sério do país. Tinha muita evasão escolar e muita repetência. A ideia do projeto era descobrir o estado do conhecimento em alfabetização, levantar todas as dissertações e teses que já tinham sido produzidas no país sobre o tema e ver o que se podia concluir disso, qual era o conhecimento que a gente tinha para poder ajudar na prática de alfabetização. A pesquisa era para compreender a realidade e intervir na realidade para melhorá-la. Acho que essa foi a grande motivação para a criação do Ceale, se não a única motivação.

Como se deu a evolução de grupo de estudos para um centro?

Quando eu consegui financiamento para essa pesquisa, juntei um grupo de trabalho que foi crescendo. A gente publicou o estudo e ele teve uma repercussão boa. O próprio INEP [Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira] se apropriou da pesquisa. Daí outras demandas começaram a surgir. Nós vimos que era preciso aprofundar certos aspectos, como as dificuldades de aprendizagem. Essa questão era tratada de uma forma que não nos parecia correta. Então se formou um subgrupo para trabalhar com isso. Aí surgiram outros subgrupos para outros temas. Foram uns três subgrupos a partir dessa pesquisa inicial. Então o Ceale começou como um grupo de pesquisa, que, na época, se chamava núcleo. Depois que ele virou centro. O núcleo não era uma unidade reconhecida pela universidade na sua estrutura, era uma coisa mais informal, sabe.

Como esse núcleo era composto?

Nós éramos um grupo de professores, e aí é o que eu acho muito importante, de diversos departamentos. Era assim exatamente porque a pesquisa mostrou que

a alfabetização não era uma questão só da pedagogia, da didática, da metodologia, mas também da psicologia, da sociologia e de outras áreas. Então pessoas de outros departamentos se juntaram a nós. Aos poucos a gente foi vendo que discutir a questão sem a colaboração dos professores que estavam alfabetizando nas escolas nos deixava um pouco distantes da realidade. Assim, pessoas que estavam atuando na rede pública de ensino também se juntaram ao núcleo. E, estando no grupo, essas pessoas foram se inserindo no mestrado, no doutorado. Outra consequência desse grupo foi a construção da linha Educação e Linguagem da pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG. Antes não havia essa organização em linhas de pesquisa. Quando se reorganizou a pós-graduação, o grupo de alfabetização, que já era forte, construiu essa linha. Atualmente, e há bastante tempo, o Ceale é a identidade da linha Educação e Linguagem.

Em sua opinião, qual o diferencial do Ceale?

Acho que o que torna o Ceale peculiar em relação a outros grupos é essa articulação da pesquisa acadêmica com a prática nas escolas, com a formação de professores, com a melhoria da alfabetização das escolas. A Universidade tem outros centros, mas são fundamentalmente de pesquisa. Já o Ceale tem essa obrigação e característica de produzir e socializar o conhecimento. E isso o Ceale não pode perder nunca.

“Compreender a realidade e intervir para melhorá-la. Essa foi a grande motivação para a criação do Ceale, se não a única.”

Que mudanças pontuaria no Ceale de 1990 pra cá?

Ah, mudou tanto! Quando eu penso na gente, um grupinho de meia dúzia de pessoas em uma sala da faculdade... O que eu acho importante pontuar na trajetória do Ceale é esse momento inicial, de um projeto de pesquisa, à derivação desse grupo em vários subgrupos. A implantação da linha de pesquisa na pós-graduação e a atuação fora da universidade, junto às escolas e aos professores da formação continuada, também merecem destaque. Hoje, o Ceale atua em diferentes esferas. Internamente, temos a produção de conhecimento, a pesquisa, a pós-graduação e a formação de mestres e doutores. Externamente, temos uma atuação de resposta às demandas do MEC, como formação de professores e avaliação dos livros didáticos.

Como começou esse trabalho entre o MEC e o Ceale?

O momento inicial foi quando o Ceale se responsabilizou pela avaliação dos livros

didáticos de português do PNLD [Programa Nacional do Livro Didático], em 1994. À medida que o Centro se ampliava, a demanda também crescia. E é uma linha pesada e importante, que permanece até hoje. Outro momento importante foi quando o MEC enfatizou muito a formação continuada de professores, em 2004, e o Ceale passou a promover cursos para os educadores. E há outros trabalhos igualmente importantes, como a avaliação de livros de literatura para o PNBE [Programa Nacional Biblioteca na Escola]. Nesse eu ainda me meto (risos), porque eu gosto muito desse programa, de levar literatura para as escolas.

Você foi uma das primeiras pesquisadoras a falar sobre letramento no Brasil. Como foi a criação desse conceito?

Essa é uma história interessante. Eu escrevi o livro *Letramento: um tema em três gêneros*, em 1986, que foi mais ou menos na época da difusão do conceito de letramento no país e da deslanchada do Centro. Mas não foi eu que criei o conceito, eu apenas colaborei para criar essa palavra horrorosa (risos). Na verdade, quem primeiro usou essa palavra no país foi a Mary Kato, professora da Universidade Estadual de Campinas, em 1985. Olha só como isso é interessante: a gente começou preocupada com a alfabetização, ou seja, a aprendizagem do ler e do escrever pela criança, lá nas primeiras séries. E quando você começa a ver com mais clareza, percebe que isso não basta. A criança não tem só que aprender a ler e a escrever, ela tem que aprender também a fazer uso da leitura e da escrita. Como ainda se ensina a ler e escrever desligado dos usos sociais, a criança fica repetindo textos dados, como "A Eva viu a uva". Ela vai à escola doida para aprender a ler e escrever, porque quer ler o que vê em volta, e a professora a coloca na frente de "a bota dá, o bebê dá, ta nananan..." e ela pensa "isso não dá". Foi essa descoberta que trouxe esse nome. A ideia é que a criança aprenda a ler com um material real, um material para ler e não um material para aprender a ler. Este último é um pseudo-texto e dá um conceito falso para a criança do que é a escrita na sociedade. Então não é que se descobriu algo, deu-se conta de. Todo mundo se deu conta de que não era só aprender a ler e a escrever, mas, sim, também aprender a fazer uso social. E aí precisava de um nome para isso, um nome que os países do primeiro mundo já tinham porque eles já haviam percebido isso antes. Nós pegamos a palavra do inglês, que é o *literacy*, e traduzimos praticamente ao pé da letra. Mas não é que se inventou uma coisa nova, é que se percebeu um fenômeno que estava sem nome. O que foi muito bom porque quando você dá nome às coisas, elas aparecem.

Em sua opinião, o que fez o Ceale chegar aonde chegou?

Eu acho que é uma conjugação de fatores. Essas coisas não acontecem por um único fator. Primeiro temos o contexto sócio-cultural e educacional, que fez crescer a importância da alfabetização, da leitura, da escrita e do letramento. Se você for olhar o movimento em outros países, essa importância da leitura e da escrita na vida do cidadão é da mesma época. Em nível mais restrito, há a questão do contexto do Brasil, que depois de 1990 passou a dar uma importância maior à educação formal, à formação de professores, à qualidade do material, do livro didático... E tem também o contexto local, não só da UFMG, que dá todas as condições para pesquisa e para extensão, como também da Faculdade de Educação.

Em que o Ceale ajudou na melhoria da educação no Brasil?

Será que ajudou? (risos). Eu acho que ajudou sim. Ajuda formando professores, melhorando a qualidade do ensino por meio da formação dos professores e do controle de qualidade do material didático e literário que chega às escolas.

"O Ceale tem obrigação de produzir e socializar o conhecimento. E isso ele não pode perder nunca."

Passados 20 anos, como você avalia o passado e que desafios imagina encontrar no futuro do Centro?

Eu mesma fico surpresa de o Ceale estar fazendo 20 anos, embora eu ache que, do ponto de vista histórico, isso não é nada. É incrível pensar que há universidades na Europa com 600 anos, 700 anos, mas vou parar de falar isso porque pode desanimar (risos). Mas um Centro, dentro de uma universidade, ter permanecido e crescido durante 20 anos é algo excepcional. O que eu vejo da minha experiência, não só na UFMG, mas em outras universidades, é que esses centros costumam ter vida curta. Eles começam, têm um momento de sucesso, depois decaem, as lideranças vão saindo... Então eu fico muito feliz em ver como o Ceale só cresceu durante esses 20 anos. A gente não identifica nenhum momento em que ele tenha começado a declinar, está sempre na curva ascendente. E eu acho que a gente tem que ficar atenta pra que continue assim. Isso é trabalhoso, porque é uma tendência natural as coisas irem se desgastando, as pessoas caírem na rotina, sabe. Mas uma coisa que eu sempre falo e repito é que o Ceale não pode se perder. Ele é um centro de pesquisa. As demandas externas são muito grandes, mas considero este o desafio para os próximos 20 ou 100 anos: não perder a pesquisa de vista.

Foto: Ronaldo Guimarães

MAGDA BECKER SOARES - Professora emérita da Faculdade de Educação da UFMG, pesquisadora e fundadora do Ceale



Formação continuada

A formação continuada de professores é um processo importante, pois permite que os docentes atualizem e aprimorem seus conhecimentos e os apliquem nas salas de aula. Desde 1991, o Ceale oferece cursos de formação. Esses programas são uma oportunidade para que o Ceale possa socializar suas produções acadêmicas, mas, além de se servirem das pesquisas, as formações também possibilitam o surgimento de novas questões, gerando um processo de retroalimentação.

Com a criação da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores, em 2004, o Ceale passou a ter uma atuação mais efetiva em vários Estados brasileiros. A partir daí foram criados programas, como o Instrumentos da Alfabetização; Alfabetização e Letramento; e o Pró Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação. Mais recentemente, o Ceale passou a atender municípios que aderiram ao Plano de Ação Articuladas (PAR). O PAR compõe o Sistema Nacional de Formação de Professores e tem como principal objetivo integrar e articular as ações de formação continuada. O Ceale, assim como outros centros de pesquisa, atua como colaborador no MEC, sendo responsável pela coordenação de cursos e pela elaboração de material didático e das propostas pedagógicas.

